



## A INVISIBILIDADE DO TRABALHO DA MULHER NA LAVOURA CACAUEIRA

Claudete Ramos de Oliveira<sup>1</sup>  
Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Elizabeth Santos Alves<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é analisar a invisibilidade do trabalho desenvolvido por mulheres trabalhadoras rurais da lavoura cacaujeira, na região de Camacã-BA, bem como as suas trajetórias de vida utilizando suas memórias como recurso. A escolha da temática do trabalho feminino na atividade rural das lavouras cacaujeiras surge por meio das primeiras incursões exploratórias ao campo de pesquisa onde se observa a ausência das mulheres. Não uma ausência física nos espaços, mas uma ausência gerada pela invisibilidade dessas mulheres (esposas e filhas) na atividade produtiva. Nas narrativas dos homens entrevistados, trabalhadores da lavoura, “as mulheres não trabalhavam (ou não trabalham) na produção de cacau, estavam e estão em casa” (Sr. Sergipano – 67 anos<sup>3</sup>). O que se indaga, então, é sobre quais atividades as mulheres realizavam enquanto “ficam em casa”? E, mais, o seu papel na atividade rural produtiva seria de expectadora?

A materialidade da pesquisa está sendo construída mediante a articulação entre memórias individuais e coletivas, considerando que “as recordações do passado podem mudar com o tempo” (Fentress; Wickham, 1992, p. 113). Ao considerar que as memórias podem mudar, entendemos que também podem não mudar, então estas memórias partilhadas oralmente ou na forma escrita contribuem para organizarmos uma relevante discussão.

E, mais ainda, promover-se-á uma análise sobre o “sujeito sexuado” (Kergoat apud Hirata: 1995, 41) de onde se indaga: os elementos que descaracterizam o trabalho da mulher são os mesmos que produzem a divisão sexual do trabalho nas fazendas produtoras de cacau?

A delimitação espaço-temporal da pesquisa é da década de 1970 (lavoura mais produtiva) até os dias atuais. O marco é a ascensão e declínio da produção de amêndoas de cacau como construtor de relações de trabalho que produziram riquezas e uma

1 Professora de História da Rede Pública do Estado da Bahia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

2 Orientadora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Uma das Coordenadoras do Museu Pedagógico da UESB.

3 Neste texto trataremos as entrevistadas e o entrevistado pelos apelidos por elas/ele definidos.



profunda diferença entre as classes sociais assinalada por contradições “naturalizadas”, geradas “mediante a incorporação do trabalho pelo capitalista” através da “compra da força de trabalho” (Marx, 2013, p. 262).

O trabalho feminino, invisibilizado, está inserido na rede de relações da exploração da força de trabalho. A nossa hipótese é que as relações de dominação não são as únicas existentes entre as classes sociais no espaço agrícola de produção de amêndoas de cacau. Há também relações de opressão que denotam a divisão sexual do trabalho invisibilizando a participação das trabalhadoras neste espaço, marcadamente masculino, dado o discurso de que o trabalho nos cacauais é pesado e exige força física, qualidade destinada aos homens.

## **METODOLOGIA**

Para tecer uma rede de significados das relações existentes entre trabalhadores e trabalhadoras rurais, com o objetivo de compreender como estes se situavam e se situam na hierarquia da propriedade fundiária recorreremos às memórias das trabalhadoras. Tal análise está sendo construída segundo uma perspectiva dialética da sociedade, forjada pela cultura cacauera, sem perder de vista a concepção marxiana de que “as ideias da classe dominante são as ideias dominantes” (MARX; ENGELS, 1996, p. 72). Portanto, a configuração das ideias dominantes a partir das condições materiais desenhadas pelos trabalhadores, extraídas de suas memórias, exigem observação constante do pesquisador sobre os sujeitos das memórias: Quem lembra? Lembra o que? Lembra a respeito de quem? Com que objetivo lembra?

Dessa forma, para compreender a realidade social das mulheres que participam da investigação, apresentamos neste texto o resultado da análise de entrevistas abertas e semiestruturadas com cinco mulheres trabalhadoras. A escolha da metodologia corresponde à necessidade de analisar a visibilidade do trabalho feminino na lavoura cacauera por meio de suas memórias. Para tanto, organizamos um roteiro de entrevistas com vistas a obter um conjunto maior de dados, como orienta Minayo (2010, p. 188; 190).

## **DISCUSSÕES E RESULTADOS**



As mulheres relatam que desde a infância sempre estiveram presentes nas lavouras de cacau, ao lado dos pais no exercício de variadas atividades destinadas às crianças como o recolhimento dos frutos do cacau após a derrubada dos frutos das árvores, até as atividades consideradas masculinas como fazer a bonga<sup>4</sup> ou guiar animais com caçoás<sup>5</sup> carregados. Outra tarefa, comumente destinada às mulheres, era a de fazer a retirada do limo dos troncos dos cacauais após a colheita para facilitar a próxima florada. Segunda Dada<sup>6</sup>, “eram muitas as mulheres, mais de vinte, que pegavam a “empreita”<sup>7</sup> para fazer este trabalho e levavam os filhos para ajudar, como minha mãe”.

A submissão à figura do pai autoritário, por meio de muitas lembranças de violência física, é um dos reflexos do conteúdo da presença da figura masculina que detém o “mando” da casa e é extensivo ao espaço do trabalho na roça, onde a figura do patrão, se faz presente através do administrador da fazenda, ou do controlador de turma se confunde com a do pai e, mais tarde, ou não tão tarde assim, à figura do marido (LOBO *apud* SILVA, 2010, p. 24).

As uniões, no espaço agrícola, ocorriam e ocorrem cedo demais para as meninas que aos doze anos, ou menos, assumiam - e ainda assumem, em muitas localidades- a condição de cuidadoras dos irmãos mais novos, de esposas, mães e trabalhadoras. Veem, ao final de cada semana, seu trabalho desvalorizado pela renda inferior ao do companheiro.

As memórias de D. Filó (96 anos), Lete (52 anos), Liu (46 anos), Deo (44 anos) e Dada (43) demarcam as suas trajetórias nos espaços do doméstico, do quintal e da lavoura cacauaieira. Estas memórias colaboram na construção de uma história marcada pela invisibilidade doméstica e social, na qual o homem detém o “status de chefe” e a mulher amalha o título de “rainha do lar”.

Ao recriarem suas memórias, mulheres, de faixa etária tão diversa, relatam as atividades cotidianas trasladadas entre os afazeres da casa, o trabalho rural na produção de cacau e nas plantações do entorno da casa, o cuidado com os filhos e a preocupação permanente com o bem-estar destes, que se resume em “não deixar que nada falte” (D. Filó, Lete).

Nos relatos de cada uma dessas mulheres, a atividade rural na infância não retrata as brincadeiras e jogos inerentes às crianças. A lembrança da mais tenra idade é descrita pela participação nas atividades desenvolvidas na roça como forma de “ajuda” na manutenção da família. A “empreita” negociada pelo pai com o proprietário das terras, por meio de seu administrador, informava sobre o valor a ser pago pela limpeza da roça ou pela colheita dos frutos ao homem

4 Colheita dos frutos que sobram nos pés, os últimos a amadurecer.

5 Balaios de fibra.

6 Uma das entrevistadas.

7 Contrato verbal de trabalho por atividade a ser realizada em área definida. Comumente organizada por “tarefa”, na região definida por 4.356m<sup>2</sup>.



da casa, mas não limitava a participação da família na execução da tarefa. Assim, toda a família passava a ser imbricada na execução da tarefa para que, terminada esta em tempo “otimizado”, poder-se-ia contratar uma nova tarefa.

O trabalho na lavoura era então dividido entre os membros da família, mas as atividades de casa e do quintal estavam sob a responsabilidade da mulher que o distribuía entre as demais crianças femininas do grupo familiar. Dessa forma, desde crianças, as meninas reproduziam o trabalho doméstico invisibilizado e o trabalho rural como extensão deste, pois, sem remuneração, as crianças ouviam de seu pai que “elas comiam e vestiam”, portanto, a “ajuda” se limitava à obtenção destes “benefícios” a elas destinados.

#### **PALAVRAS FINAIS**

As memórias das trabalhadoras da lavoura cacaueteira suscitam a necessidade de uma investigação que examine a realidade vivida e vivente das mulheres, no contexto de uma sociedade dividida em classes, na qual promove na vida produtiva e reprodutiva a divisão sexual do trabalho e a invisibilização do trabalho das mulheres.

**Palavras-chaves:** Trabalho. Memória. Invisibilidade. Divisão sexual do trabalho.

#### **REFERÊNCIAS**

FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória Social:** novas perspectivas sobre o passado. Trad. Telma Costa. Lisboa, Portugal: Teorema, 1992. 275 p.

GARDEY, D. Perspectivas históricas. In: MARUANI, M.; HIRATA, H. **As novas fronteiras da desigualdade:** homens e mulheres no mercado de trabalho. Tradução Clevi Rapkiewicz. São Paulo: Senac, 2003. p. 37-57.

HIRATA, H. **Divisão – relações sexuais de sexo e do trabalho:** contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. Brasília: Em aberto, 1995. Ano 15, n. 65, jan./mar. p. 39-49.



HIRATA, H. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. especial, p. 15-22. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eeh/v24nspe1/a02v24nspe1.pdf>. Acesso em março de 2017.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132. Set-dez. p. 595-606.

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. España: Siglo Veintiuno, 2002. 146 p.

MARX, K. **O Capital**. (V. I). Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 10ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo, 2010. 407p.

MONTESPERELLI, P. **Sociología de la memoria**. Buenos aires: Nueva Visión, 2004. 192 p.

SILVA, M. A. M. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. V. 4. Nº 2. **RURIS**, Set/2004.